

REPERTÓRIO DIDÁTICO

Luana Ferreira Bispo – N° USP: 8978771

1º Semestre – 2019

SUMÁRIO

Tema central	1
Previsão de desenvolvimento	1
Objetivos gerais	1
Justificativa	1
Recursos didáticos	1
Avaliação	1
Bibliografia para uso da professora	1
Bibliografia para os estudantes (indicações)	3
Aula 1 – Questionando estereótipos	4
Aula 2 – “Dinâmica” dos privilégios/Posição social	6
Aula 3 – Interseccionalidade: raça e gênero	8
Aula 4 – O que é performar feminilidade/Binarismos de gênero	10
Aula 5 – Avaliação + elaboração do trabalho	11
Aula 6 – Apresentação do trabalho: músicas	12

Tema central: Interseccionalidade.

Previsão de desenvolvimento: 6 aulas.

Objetivos gerais: Pretende-se que os alunos consigam reconhecer que sistemas de opressões podem se cruzar/se entrelaçar, gerando uma injustiça social particular de um grupo. Espera-se também que os estudantes compreendam a ideia de posicionamento e perspectiva social, além de uma visão crítica à universalização de categorias, como por exemplo a categoria “mulher”.

Justificativa: É importante que os jovens possam entender como a sociedade é estruturada hierarquicamente de forma complexa, no qual diferentes sistemas de opressões e de privilégios se misturam e que determinados grupos possuem experiências de desrespeito semelhantes por estarem em uma posição social similar. Por conta desse posicionamento podem ter uma perspectiva social diferente da perspectiva de outro grupo. É necessário que os estudantes conheçam a estrutura social e seus mecanismos para que possam modificá-los.

Recursos didáticos: Utilização de textos, aulas expositivas, músicas, vídeos, imagem, tirinha e “dinâmica”: estes detalhados em cada aula.

Avaliação: Redação individual, prova de alternativa individual e criação e apresentação de uma música em grupo.

Bibliografia para uso da professora:

ADEWUNMI, Bim. *Kimberlé Crenshaw sobre interseccionalidade: “Eu queria criar uma metáfora cotidiana que qualquer pessoa pudesse usar”*. Blogueiras Feministas. Tradução de Bia Cardoso. 25 jul. 2014. Disponível em:

<<http://blogueirasfeministas.com/2014/07/kimberle-crenshaw-sobre-interseccionalidade-eu-queria-criar-uma-metafora-cotidiana-que-qualquer-pessoa-pudesse-usar/>>.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. “Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades”. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Universidade Estadual de Londrina v. 20, n. 2, p.27-55, 25 dez. 2015.

CAMPOS, Dafne Marcelle de Almeida Ramos. “Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher”. In: 18º REDOR, 2014, Recife. *Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas*. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014.

COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. Tradução: Juliana de Castro Galvão. Revisão: Joaze Bernadino-Costa. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p.99-127, abr. 2016.

_____. “Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão”. In: MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 4. Tradução: Júlia Clímaco. São Paulo: Sof, p.13-42, 2015.

CRENSHAW, Kimberle. “A urgência da interseccionalidade”. Palestra apresentada em uma conferência oficial do TED, 2016. Disponível em:

<https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br#t-554976>.

_____. “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero”. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE JESUS, Jaqueline Gomes; ALVES, Hailey. “Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais”. *Revista Cronos*, v. 11, n. 2, 28 nov. 2012.

DIAS, Isadora Maria Santos. “Bissexualidade e a necessidade de dizer”. *Geledés*, 23 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/bissexualidade-e-necessidade-de-dizer/>>.

FERNANDES, Marisa. “O movimento das mulheres lésbicas feministas no Brasil”. *CULT*, São Paulo, edição 235, 12 jun. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-lesbicas-feministas-brasil/>>. Acesso em: 12 abril 2019.

GONZALEZ, Lélia. “Por um Feminismo Afro-latino-americano”. *Revista Isis Internacional*, Santiago, Chile. vol. IX, p.133-141, junho, 1988.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan; PEDROSO, Maíra. Mulheres indígenas: poder e tradição. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v.10, n.3, p. 363-372, Dezembro, 2005.

RIOS, Flávia; RATTS, Alex. “A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez”. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney (org.). *Pensadores negros – Pensadoras negras*. Belo Horizonte: Editora UFRB e Fino Traço, 2016.

TRUTH, Sojourner. *E não sou uma mulher? – Sojourner Truth*. Tradução: Osmundo Pinho. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>.

WERNECK, Jurema. “Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo”. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 07-17, jun. 2010.

Bibliografia para os estudantes (indicações):

ADEWUNMI, Bim. *Kimberlé Crenshaw sobre interseccionalidade: “Eu queria criar uma metáfora cotidiana que qualquer pessoa pudesse usar”*. Blogueiras Feministas. Tradução de Bia Cardoso. 25 jul. 2014. Disponível em:

<<http://blogueirasfeministas.com/2014/07/kimberle-crenshaw-sobre-interseccionalidade-eu-queria-criar-uma-metafora-cotidiana-que-qualquer-pessoa-pudesse-usar/>>.

CRENSHAW, Kimberle. “A urgência da interseccionalidade”. Palestra apresentada em uma conferência oficial do TED, 2016. Disponível em:

<https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br#t-554976>.

FERNANDES, Marisa. “O movimento das mulheres lésbicas feministas no Brasil”. *CULT*, São Paulo, edição 235, 12 jun. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-lesbicas-feministas-brasil/>>.

GONZALEZ, Lélia. “Por um Feminismo Afro-latino-americano”. *Revista Isis Internacional*, Santiago, Chile. vol. IX, p.133-141, junho, 1988.

TRUTH, Sojourner. *E não sou uma mulher? – Sojourner Truth*. Tradução: Osmundo Pinho. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>.

AULA 1 – Questionando estereótipos

Descrição da atividade: Rápido debate sobre naturalização de estereótipos de gênero, leitura do texto “E eu não sou uma mulher?” e apresentação de vídeos sobre ser lésbica, bissexual e trans.

Objetivo específico: Pretende-se que os estudantes questionem a universalização de categorias sociais, assim como características estereotipadas.

Recursos didáticos: Texto do discurso de Sojourner Truth: “E eu não sou uma mulher?”. Vídeos “Não é por lésbica que eu...”, “Não é por ser bissexual que eu...” e “Não é por eu ser trans que eu...” do canal do *youtube Põe na Roda*.

Dinâmica da atividade: Iniciar a aula perguntando sobre características do que é ser mulher e do que é ser homem, anotando na lousa as respostas. A partir disso, a professora deve questionar se essas características estão presentes em todos as mulheres e em todos os homens, independentemente de suas classes, raças, orientações sexuais e identidades de gênero. Com esse debate presente, realizar a leitura junto com os alunos do discurso “E eu não sou uma mulher?” de Sojourner Truth, apresentando também seu contexto:

Proferido em uma convenção pelos direitos das mulheres em Ohio, em 1851, por Sojourner Truth. De forma carismática e habilidosa, ela rebateu as provocações dos homens presentes no evento de que as mulheres eram fracas e por isso não podiam votar:

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... (alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso, querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.¹

A professora pode apontar como nessa fala a autora introduz na discussão outros marcadores da diferença, como raça e classe. Outros marcadores também podem ser pensados como estruturais. É o caso de orientação sexual e identidade de gênero.

Assim, reproduzir os vídeos do canal *Põe na Roda*: “Não é por lésbica que eu...”² (2min30), “Não é por ser bissexual que eu...” (2min25)³ e “Não é por eu ser trans que eu...” (3min45)⁴. Os três vídeos brincam com estereótipos do que é ser lésbica, bissexual e trans, respectivamente, questionando que não é por ter determinada orientação sexual e/ou identidade de gênero que a pessoa necessariamente tem que apresentar determinadas características e gostos. Por exemplo: “não é por eu ser lésbica que eu uso pochete”, “não é por eu ser lésbica que uma de nós é o homem da relação”, “não é por eu ser bi que eu esteja confuso”, “não é por eu ser bi que eu esteja vivendo uma fase”, “não é porque eu sou trans que eu não possa ser professora”, “não é por ser trans que eu não posso ser hetero, bi, lésbica ou gay”. Após a reprodução dos vídeos, incitar os alunos sobre possíveis dúvidas e/ou comentários sobre eles.

¹ TRUTH, Sojourner. *E não sou uma mulher?* – *Sojourner Truth*. Tradução: Osmundo Pinho. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=62VG4vGkbAU>

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kx7ZsXBzFeA>

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ed0G6kHSXLI>

AULA 2 – “Dinâmica” dos privilégios/Posição social

Descrição da atividade: Caminhada dos privilégios.

Objetivo específico: Pretende-se que os alunos tenham uma melhor visualização do que seria um posicionamento social, resultado de sistemas de opressões; melhor noção dos privilégios sociais (até mesmo entre eles) e que olhem criticamente para a noção de “meritocracia”.

Recurso didático: Dinâmica com a turma.

Dinâmica da atividade: Para essa aula, levar os alunos ao pátio, quadra ou outro espaço onde seja possível que todos fiquem posicionados ombro a ombro como em uma “linha de largada”. Assim, para a realização da dinâmica, a professora deve ler os comandos a seguir:⁵

1. Se tem plano de saúde particular, dê um passo à frente.
2. Se demonstra afeto por seu companheiro ou companheira em público sem sentir medo de ridicularização ou violência, dê um passo à frente.
3. Se suas pessoas ancestrais vieram ao Brasil escravizadas, dê um passo atrás.
4. Se as pessoas que lhe criaram tiveram que trabalhar à noite, nos finais de semana ou em dois empregos para sustentar a família, dê um passo atrás.
5. Se veio de um ambiente familiar que lhe apoiava em seus projetos e ambições, dê um passo à frente.
6. Se você já tentou mudar sua fala ou manerismos para ganhar credibilidade, dê um passo para trás.
7. Se seguranças de estabelecimentos comerciais lhe seguem, dê um passo atrás.
8. Se a sua orientação sexual é utilizada como xingamento, dê um passo atrás.
9. Se usa o banheiro no qual se sente mais confortável, dê um passo à frente.
10. Se encontra facilmente roupas para o seu tamanho, dê um passo à frente.
11. Se você pode cometer erros e não ter seu comportamento atribuído a falhas da sua raça ou gênero, dê um passo à frente.
12. Se já foi a única pessoa de sua raça em uma sala de aula ou num local de trabalho, dê um passo atrás.

⁵ Diversas referências, como: <https://www.geledes.org.br/caminhada-do-privilegio/>; <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/11/teste-passos-explica-privilegio-meritocracia.html>; <https://www.almanaquesos.com/caminhada-do-privilegio-esse-jogo-vai-te-ensinar-uma-bela-licao-sobre-meritocracia/>

13. Se acha que nunca perdeu emprego ou oportunidade somente por seu gênero ou raça, dê um passo à frente.
14. Se tem que trabalhar para ajudar a família durante ensino médio, dê um passo atrás.
15. Se se sente confortável de andar por conta própria pelas ruas dos bairros onde vive e trabalha, dê um passo para frente.
16. Se o nome no seu documento de identidade é o nome com o qual você se apresenta às pessoas, dê um passo à frente.
17. Se já sentiu como se não existisse uma representação verdadeira da sua orientação sexual na mídia, dê um passo atrás.
18. Se nunca teve um apelido baseado em sua raça, dê um passo à frente.
19. Se havia mais de cinquenta livros na casa onde cresceu, dê um passo à frente.
20. Se já conseguiu emprego por amizade, parentesco ou indicação pessoal, dê um passo à frente.
21. Se os dias festivos da religião na qual foi criada são feriados nacionais, dê um passo à frente.
22. Se você pode ir a qualquer lugar no país, e facilmente encontra os produtos e cosméticos apropriados para a sua cor de pele e cabelo, dê um passo à frente.
23. Se você já se sentiu envergonhado por causa das suas roupas ou casa na sua infância ou adolescência, dê um passo para trás.
24. Se você pode casar-se legalmente com a pessoa que você ama, independentemente do lugar onde você mora, dê um passo à frente.
25. Se você tinha acesso adequado a comidas saudáveis na sua infância e adolescência, dê um passo à frente.
26. Se você não pensaria duas vezes antes de ligar para a polícia quando tem um problema, dê um passo à frente.
27. Se você pode consultar um médico sempre que julgar necessário, dê um passo à frente.
28. Se você já fez alguma viagem para o exterior, dê um passo à frente.
29. Se você já sofreu bullying ou foi ridicularizado por causa de algo que você não pode mudar, dê um passo para trás.
30. Se você estudou a cultura ou história de seus ancestrais na escola, dê um passo à frente.
31. Se seus pais ou tutores frequentaram a faculdade, dê um passo à frente.
32. Se você já saiu de férias com a família, dê um passo à frente.
33. Se você não domina alguma língua estrangeira, dê um passo para trás.

34. Se alguma vez te excluíram da prática de um esporte devido ao seu gênero, dê um passo para trás.
35. Se já te disseram que a maneira como você se veste não te favorece e atrai um julgamento indesejado, dê um passo para trás.
36. Se alguma vez te disseram que a sua sexualidade “é só uma fase”, dê um passo para trás.
37. Se você já mentiu sobre a sua etnia ou religião para evitar conflitos, dê um passo para trás.
38. Se em algum momento de sua vida você chegou a estudar em escola particular, dê um passo à frente.

Após esses comandos os alunos provavelmente estarão fisicamente dispersos no espaço e a professora deve pedir para que eles observem os posicionamentos e as visões do que cada um pode ter de um ponto ou objeto (isso será importante para visualizarem a ideia de perspectiva social de acordo com seu posicionamento social, que será trabalhado nas próximas aulas). A seguir, deve-se fazer uma roda de conversa sobre essa atividade. É importante a professora tomar o cuidado para que os alunos não levem como uma brincadeira ou pratiquem preconceito com os alunos que ficaram posicionados atrás; é necessário uma explicação sobre responsabilização e empatia, que “estar na frente” não significa ganhar, mas sim que tem maiores oportunidades por questões que **não** estão ligadas a sua capacidade ou habilidade.

Avaliação: Para a próxima aula, escrever uma redação individual de no mínimo 15 linhas sobre essa atividade: sentimentos e pensamentos gerados.

AULA 3 – Interseccionalidade: raça e gênero

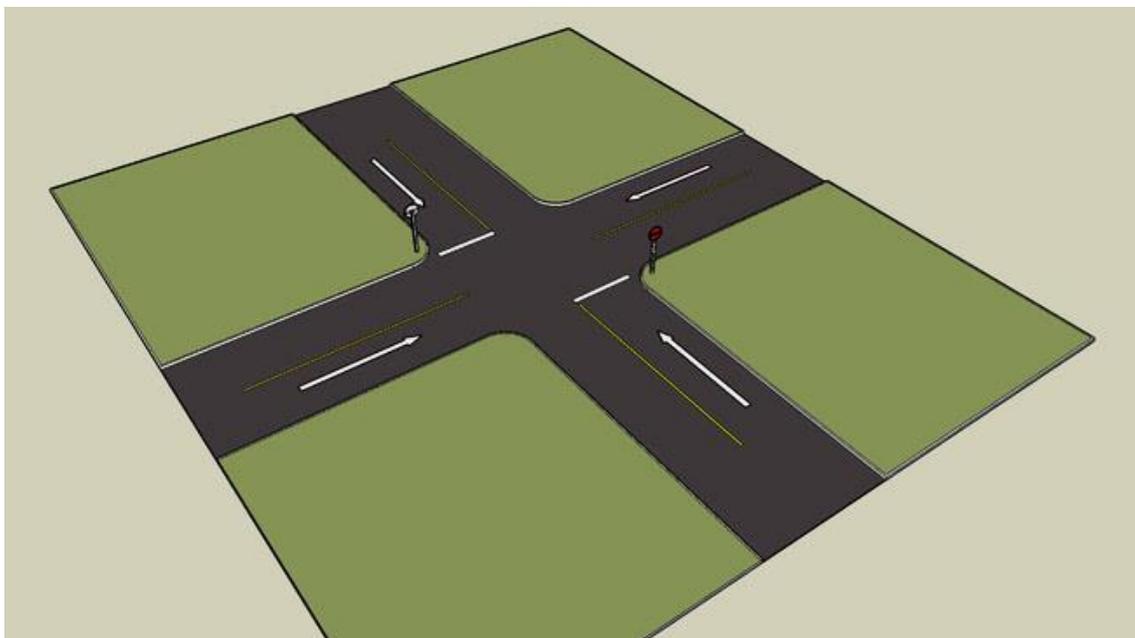
Descrição da atividade: Aula expositiva sobre o conceito de *interseccionalidade* e apresentação das ideias presentes em autoras negras estadunidenses e autoras negras brasileiras dentro do debate do feminismo interseccional.

Objetivo específico: Apresentar aos alunos conceitos sociológicos que podem ajudar a interpretar suas próprias vivências, como a *interseccionalidade* do machismo e do racismo ou do racismo com a opressão de classe.

Recursos didáticos: Aula expositiva, imagem de um cruzamento de ruas e vídeo “O que é feminismo interseccional? - Djamila Ribeiro”.

Dinâmica da atividade: A professora deve iniciar a aula lembrando da aula anterior e usar a dinâmica para expor o conceito de *interseccionalidade*. Cada aluno terminou a “dinâmica” em

determinada posição justamente de acordo com as experiências que teve por conta das imbricações complexas dos sistemas de opressões. A professora deve mostrar a imagem de um cruzamento de ruas, como propõe Kimberle Crenshaw e usar isso para explicar o conceito, sempre relacionando com a experiência dos alunos e do que ocorreu na aula anterior.



A partir disso, expor as ideias de Crenshaw e o contexto do surgimento do conceito. Citar o caso da General Motors comentado pela autora e apresentar algumas das ideias de Angela Davis (contexto histórico-social da escravidão e do movimento de mulheres) e Patricia

Hill Collins (ideia de perspectiva social, um “olhar” de acordo com a posição social e suas vivências) já apontando as semelhanças com a história brasileira, como a escravidão sendo base da estrutura social dos dois países. Pode-se nessa relação apontar as ideias de autoras brasileiras como a Lélia González (ideologia do branqueamento, sofisticado racismo latino-americano e a necessidade de um feminismo afro-latino-americano, ou seja, um feminismo que considere as especificidades das mulheres negras e indígenas da América Latina) e Jurema Werneck (sociedade brasileira constituída por uma colonização racista e apoiada em um patriarcalismo heterossexista) e pontuar também as diferenças entre os países, como o mito da democracia racial presente no Brasil.

Expor o vídeo “O que é feminismo interseccional? - Djamila Ribeiro” (3min37)⁶ do canal Youtube *Você é feminista e não sabe*. Brevemente Djamila Ribeiro apresenta a ideia central do feminismo interseccional historicamente ligada ao feminismo negro sobre cruzamento de opressões e contra a universalização da categoria “mulher”, assim como a ideia de que grupos oprimidos podem oprimir outros grupos. Dessa forma, o vídeo reforça o conjunto de pensamentos e conceitos apresentados nessa aula.

AULA 4 – O que é performar feminilidade/Binarismos de gênero

Descrição da atividade: Aula expositiva sobre o que seria performar ou não feminilidade (e também masculinidade) e como podemos relacionar isso com orientação sexual e identidade de gênero, lembrando da primeira aula sobre estereótipos.

Objetivo específico: Pretende-se que os alunos percebam que nossa sociedade é estruturada por sistemas de opressões que de certa forma impõe binarismos de gênero que não são naturais. É esperado que os estudantes entendam que ser mulher não significa apresentar determinadas características tidas como femininas e o mesmo se aplica aos homens. Não é porque a mulher não performa feminilidade que ela é lésbica e vice-versa. Pretende-se também tratar de identidade de gênero, dialogando sempre com a ideia de interseccionalidade e posição social.

Recursos didáticos: Aula expositiva, vídeo “Arte e Performance de Gênero” e tirinha sobre identidade de gênero.

Dinâmica da atividade: Aula expositiva abordando o binarismo de gênero como uma opressão que limita nossos corpos e nossas sexualidades. Apresentar a ideia de como orientações sexuais,

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P88Ln07WyAI>

identidades de gênero e a não performance de feminilidade ou masculinidade coloca em questão um sistema social estruturado no monossexismo e um binarismo padrão. O debate das opressões relacionadas a sexualidade dentro do feminismo com suas performances de gênero e suas atrações afetivas/sexuais estão associadas a emancipação dos corpos de todas as pessoas.

Apresentar o vídeo “Arte e Performance de Gênero” (2min28)⁷ do canal Youtube *Educação para a Cultura Visual em Media Social*, o qual argumenta que gênero é uma construção social, citando Judith Butler e sua visita ao Brasil. Expor a tirinha sobre identidade de gênero:



A partir disso abrir o debate com os alunos relacionando os conceitos apresentados anteriormente, assim como as experiências dos estudantes e a dinâmica realizada na Aula 2.

AULA 5 – Avaliação + elaboração do trabalho

Descrição da atividade: Prova de alternativa individual e elaboração do trabalho em grupo.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QyFfCjEfM2Y>

Objetivo específico: Pretende-se que o aluno consiga responder às questões referentes as aulas anteriores e consiga relacionar com as experiências de vida dele.

Recursos didáticos: Avaliação, música e criação.

Dinâmica da atividade: No primeiro momento da aula, a professora deve aplicar a prova individual e sem consulta, que contém cinco questões envolvendo: interseccionalidade, posição e perspectiva social e sistemas de opressões (como raça, gênero e orientação sexual). No segundo momento, os alunos devem formar grupos de duas à quatro pessoas e juntos criar uma música que relacione as experiências de vida deles dentro do tema.

Avaliação: Prova individual.

AULA 6 – Apresentação do trabalho: músicas

Descrição da atividade: Os grupos devem apresentar as músicas criadas por eles, seja cantando ao vivo ou gravada em áudio ou em vídeo, com ou sem instrumentos musicais.

Objetivo específico: Pretende-se que os alunos exponham suas experiências e vivências sobre o tema, assim como ouçam as dos seus colegas.

Recursos didáticos: Música, arte e criatividade.

Dinâmica da atividade: A professora deve indicar a ordem que os grupos se apresentarão e, utilizando-se um projetor, os alunos que gravaram vídeo ou música devem exibi-los e os que preferirem apresentar pessoalmente também devem mostrar aos colegas de turma a música criada e produzida por eles. Pretende-se que os alunos, dessa forma, compartilhem suas ideias e vivências.

Avaliação: Esta atividade deve contar para a avaliação, considerando a relação e pertinência com o tema e com as atividades realizadas durante as aulas e o envolvimento do grupo com o trabalho.